

CEDI

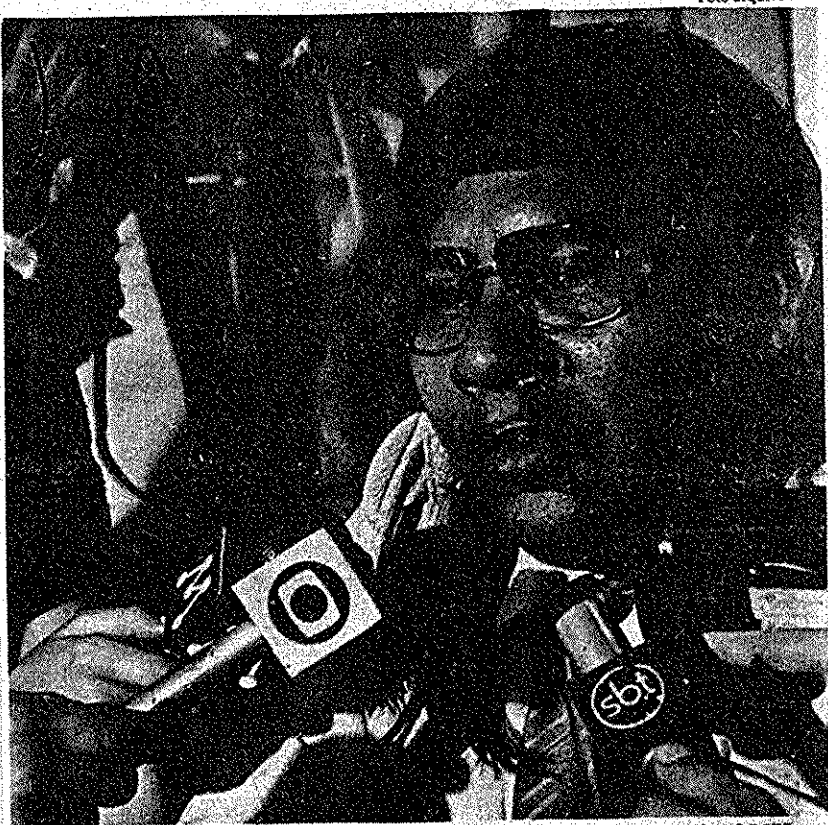
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 866

Data: 01.08.84

Pg.: _____



Mário Juruna ficou decepcionado com o funcionamento da ONU

Juruna denuncia na ONU que o maior inimigo índio é o avanço da sociedade

GENEVA — "Cada nação indígena no Brasil enfrenta problemas particulares, mas o inimigo comum de todas elas é o avanço acelerado da sociedade brasileira nos territórios dos índios", um avanço que beneficia os interesses econômicos das empresas multinacionais. Estes interesses são os que estão efetivamente representados no sistema das Nações Unidas, uma representação de que os povos estão ausentes".

Este foi o ponto central do discurso pronunciado pelo deputado Mário Juruna, (PDT-RJ), ontem em Genebra, onde foi aplaudido durante mais de cinco minutos. Juruna pregou ser necessária "maior facilidade de acesso aos canais de poder no Brasil e no mundo para as populações indígenas. Um dia um índio poderá chegar a presidência do Brasil", disse ele.

O ex-chefe xavante demonstrou na entrevista que concedeu após descontentamento como índio, foi convidado para falar na Subcomissão contra Discriminação das Minorias na Comissão dos Direitos Humanos da ONU, como deputado federal e integrante do Poder Legislativo Brasileiro. Mas, segundo ele, "nem os organismos que o convidaram nem o consulado brasileiro em Genebra o haviam recebido como ele esperava e acha que merecia". Ao revelar que "não guardava mágoas", Juruna porém, confessou: "ao chegar aqui me assustei com o comportamento dispensado ao índio".

As razões desse "susto" do deputado Juruna são, em parte, devido à sua constatação de que "a ONU não representa os povos mas os interesses multinacionais econômicos. É por isso que índio, preto, mulher pobre não têm seus problemas resolvidos aqui. Quem manda aqui são os patrões. O povo enquanto isso, continua a morrer", resumiu ele.

Quando indagado se esperava algum resultado dessa reunião da Subcomissão da ONU perante a qual discursou, Juruna foi franco: "Eu não espero nada dessa reunião. Branco gosta de discutir problema mas não muda nada. Sempre se reúne, fala e fala mas não faz nada de concreto". Em Genebra desde sábado passado, Juruna invor informativa e a realidade encontrada: Quando sai do Brasil meu pensamento era bom quanto as Nações Unidas. Esperava enriquecer minha visão, mas cheguei aqui e encontrei só falhas. Não gostei desse sistema. O sistema do mundo inteiro é contra os índios".

E a audiência que iria pedir ao presidente Mitterrand para tratar do problema da indenização aos índios Satareh Maueh pela Elf Aquitaine (estatal de petróleo francesa) que fez prospecção de petróleo, com autorização brasileira, nas terras daquela nação indígena, Juruna informa que não há mais necessidade desse encontro: "como a empresa já se retirou das terras e aceita pagar a indenização sem Mitterrand se meter, não há mais necessidade de eu me encontrar com Mitterrand". A essa altura, um jornalista aponta para sua gravata (cor entre o vermelho e o róseo) e lembrando que Mitterrand é socialista e que o partido pelo qual Juruna foi eleito é apelidado de "socialista caboclo" indaga sobre suas cores político-ideológicas. "Sou mais socialista do que Mitterrand", respondeu Juruna. Os primeiros socialistas foram os índios. Ninguém é mais socialista do que o índio. Minha gravata é

vermelha porque é a cor do sangue. E de guerra para discutir e falar esculhambando todo o mundo". Não foi o que fez efetivamente na entrevista e no discurso; ao contrário do que alguns esperavam, ele poupou o Brasil das críticas mais ácidas que foram deixadas para as organizações que o convidaram (e que não lhe deram o tratamento esperado) e as Nações Unidas.

"Esculhambar todo mundo não parecia ser efetivamente a disposição do parlamentar e índio. Os franceses têm uma expressão para descrever, talvez, o que se passava por dentro de Juruna desde que ausente do Brasil. Essa expressão substitui o termo "saudades". Aqui se fala em "mal do País". Juruna sofre disso desde que saiu do Brasil. Sofre de "saudades". Sofre do "mal do País". Sofre pela ausência da asa protetora do "conhecido". Aqui, mesmo quando lhe dão ouvidos outros são povo, cultura, língua e hábitos. Uma audiência, portanto, que não o aquece porque ainda envolvida na má consciência da prática colonialista de que a Europa se reconhece e se auto acusa.

Ainda que o deputado Mário Juruna já estivesse acostumado com o Congresso Nacional, em Brasília (e isso não acontece) no aeroporto em Genebra e nas ruas da Europa como no plenário da subcomissão da ONU por osmose ele mais sentiu do que viu, o contraste que ele representa como indivíduo e como grupo social. No Brasil o contraste é menor. A cultura brasileira é mais próxima da cultura xavante do que a babel cultural que é a sede das Nações Unidas — o "Palais des Nations" — em Genebra. Assim havia e houve motivos para suas reclamações em tudo. Em sua visita a Copenhague ele era singular. Recebeu, portanto, tratamento personalizado. Na ONU, seu caso era só um caso entre centenas de índios presentes ao encontro. Fazendo as mesmas denúncias de aniquilação física, pronunciando as mesmas acusações de destruição cultural.

Desse modo, Juruna aqui tinha que reparar em tudo. Como de fato reparou nos que deixaram de ir recebê-lo. No modo como lhe acomodaram — "sem chuveiro, com pouca comida, sem dinheiro", como ele descreveu para explicar — queria um alojamento junto com todos os índios, comida muito e distribuída em igual para todos. Como não ter dinheiro se a Suíça é o símbolo de dinheiro no mundo, ele indagava.

Mas além do "mal do País" Juruna sentiu também a falta do "o ter utilidade". Ele quer partir de volta e já "partir a eleição, onde alguma coisa deve acontecer". Como se estivesse nas vésperas disso se dar. Mas até para partir de volta e rebater a "saudades" ele estava ontem tendo dificuldades: a passagem que os autores do convite lhe deram tem uma restrição que exige permanência mínima na Europa. E Juruna quer partir e voltar para um País, onde tudo é bom" como ele repetia em elogios ao invés das críticas que muitos aguardavam ele tinha reservado ao Brasil. Um Brasil "onde tudo é bom" apesar dos pesares "Onde sou bem tratado e respeitado. Onde todos me conhecem e sabem quem sou. O que represento".

Sem buscar muitas respostas para essa ansiedade, afinal ele tem toda razão em seu desconforto: — faço o que fizer. Digamos ele o que disser, para os índios de todo o mundo mais do que no Brasil, Mário Juruna é já uma lenda.